

A RELAÇÃO DA BAIXA IDADE MÉDIA COM A MODA BINÁRIA

The relationship of the Lower Middle Ages with binary fashion

DALLA ROSA, Rafaela. Discente; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, raftisdallarosa@gmail.com

DIAS, Camila Carmona. Doutora; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, camila.dias@erechim.ifrs.edu.br

Resumo: O presente trabalho analisa elementos da binaridade nas vestimentas demonstrando as principais mudanças que ocorreram no vestuário durante o período medieval. O objetivo geral é estudar a divisão binária da vestimenta na Europa nos séculos XIV e XV, final da Baixa Idade Média. Os objetivos específicos são apresentar as mudanças comportamentais na Baixa Idade Média; analisar a moda da época e descrever as principais diferenças entre as vestimentas femininas e masculinas do período. A abordagem metodológica utilizada nesta pesquisa é qualitativa, onde foi realizada uma revisão bibliográfica em trabalhos que tratam de História, Vestuário, Idade Média, Gênero e Moda, bem como a utilização de análise de imagens retratando desenhos em alto relevo, mosaicos e pinturas. Pode-se afirmar que o vestuário da alta Idade Média sofria uma influência clerical maior, sendo as túnicas as principais peças para ambos os gêneros. Já no final do medievo observou-se uma tendência de afastamento dos dogmas religiosos e uma valorização das questões corporais e da sedução, sendo que a diferença dos gêneros passa a ser transmitida pela moda. Foi possível constatar que o gênero é uma construção que sofre influências socioculturais e utiliza-se de alguns instrumentos para que ocorram diferenciações, sendo as vestimentas uma das possibilidades.

Palavras chave: Vestuário. Gênero. Baixa Idade Média.

Abstract: The present work analyzes elements of binary clothing, demonstrating the main changes that occurred in clothing during the medieval period. The general objective is to study the binary division of clothing in Europe in the XIV and XV centuries, at the end of the Lower Middle Ages. The specific objectives are to present behavioral changes in the Lower Middle Ages; analyze the fashion of the time and describe the main differences between women's and men's clothing of the period. The methodological approach used in this research is qualitative, with a bibliographic review being carried out in works that deal with History, Clothing, Middle Ages, Gender and Fashion and the use of image analysis depicting drawings in high relief, mosaics and paintings. It can be said that the clothing of the high Middle Ages suffered a greater clerical influence, where tunics were the main garments for both genders. and seduction, and the difference between genders is transmitted by fashion. It can be seen that gender is a construction that suffers social influences and uses some instruments for differentiation to occur, with clothing being one of the possibilities.

Keywords: Clothes. Gender. Lower Middle Age.

1 INTRODUÇÃO

O vestuário sempre esteve presente na história das sociedades e ajuda a entender costumes e tradições em diferentes eras. Neste trabalho o objetivo geral é estudar a divisão binária da vestimenta na Europa, durante o final da Baixa Idade Média, focando nos séculos XIV e XV. Os objetivos específicos são: apresentar as mudanças comportamentais na Baixa Idade Média; analisar a moda da época; descrever as principais diferenças entre as vestimentas femininas e masculinas da época, demonstrando dessa forma o porquê Lipovetsky (1987) considera estas mudanças como a revolução do vestuário e base para as vestimentas modernas.

Segundo Braga (2011), foi no ano de 476 que a Idade Média teve início. Este período iniciou-se com a queda do Império Romano do Ocidente, dando fim a Idade Antiga. Sendo que uma das razões, a principal delas, foi a invasão dos povos bárbaros que o território Romano sofreu. Para Dias:

A expressão “Idade Média” consolidou-se historicamente e sugere um “meio”, ou um “intervalo” entre a queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.) e a conquista de Constantinopla pelos turcos otomanos (1453 d.C.). [...] Diante aos problemas de definição cronológica e de periodização da Idade Média e ainda à percepção de que os mil anos formaram um todo homogêneo, alguns pesquisadores indicaram divisões temporais internas no medievo (DIAS, 2022, p.12).

Baschet (2006) relata que alguns historiadores indicam que o período entre o século V ao século X foi considerado uma Alta Idade Média, já o período entre o século XI ao século XV foi nomeado de Baixa Idade Média.

O recorte temporal do final da Baixa Idade Média foi escolhido uma vez que é no fim da segunda metade da Idade Média que ocorreram notáveis transformações no vestuário masculino e feminino. Para Lipovetsky (1987) a Moda como sistema, com rápidas variações, cheia de extravagâncias e voltada principalmente na busca pela identidade individual, só pôde ser reconhecida a partir do final da Idade Média. Antes deste período a vida em sociedade não fazia cultuação das fantasias e das novidades, estando distante da efemeridade temporal que faz parte da modernidade. Para ele, ainda, a Moda não é simplesmente uma manifestação das vaidades, é uma instituição complexa e que faz parte do social e da história ocidental.

Apesar desta pesquisa focar neste período histórico, é importante ressaltar que as vestimentas são descobertas muito antes dele. Segundo Cezar (2019, p. 37) “[...] a descoberta do que se entende por uma vestimenta data-se por volta de 650 mil anos atrás, correspondente a uma era glacial que indicava uma alternativa para sobreviver ao clima”.

Salienta-se que o uso de túnicas foi uma constante na antiguidade, como pode ser

visualizado em Lipovetsky, pois segundo o autor:

No Egito antigo, o mesmo tipo de toga-túnica comum aos dois sexos manteve-se por quase quinze séculos com uma permanência quase absoluta; na Grécia, o *peplo*, traje feminino de cima, impôs-se das origens até a metade do século VI antes de nossa era; em Roma, o traje masculino — a toga e a túnica — persistiu, com variações de detalhes, dos tempos mais remotos até o final do Império (LIPOVETSKY, 1987, p. 28).

As vestimentas já possuíam diferenciação entre masculino e feminino, mas é a partir do século XIV que estas diferenças tornam-se mais perceptíveis. Para Lipovetsky (1987, p. 28) o “aparecimento de um tipo de vestuário radicalmente novo, nitidamente diferenciado segundo os sexos: curto e ajustado para o homem, longo e justo para a mulher.” ocorreu por volta de 1350.

Este trabalho busca mostrar estas mudanças e utiliza-se de uma metodologia qualitativa, sendo realizada uma revisão bibliográfica em trabalhos que tratam de História, Vestuário, Idade Média, Gênero e Moda e da utilização de análise de imagens, sendo os desenhos em alto relevo, mosaicos e pinturas utilizadas para retratar as vestimentas deste período.

Este trabalho está dividido em duas seções, sendo a primeira delas um olhar sobre o vestuário na Baixa Idade Média, que é subdividida em duas partes: Mudanças comportamentais na Baixa Idade Média, que trata sobre sociedade e comportamentos praticados e a segunda subdivisão Moda, que estrutura-se na exposição das vestimentas e suas particularidades. Após esta etapa são tratadas as Considerações Finais.

2 UM OLHAR SOBRE O VESTUÁRIO NA BAIXA IDADE MÉDIA

A forma unificada de se vestir só começou a ocorrer na Europa com o início da Baixa Idade Média no século XI, que foi quando as culturas européias se uniram nas Cruzadas, deixando as singularidades isoladas de lado (BRAGA, 2011).

Segundo Lipovetsky (1987) os séculos XIV e XV fazem parte do período que é tido como fase inaugural da moda, este período estende-se até metade do século XIX. Esta fase é considerada como o período artesanal e aristocrático da moda, pois mesmo que as frivolidades e fantasias tenham se instalado de maneira durável e sistemática ainda eram muito restritas a determinados grupos. As vestimentas anteriores a este período possuíam apreço a ornamentação e elementos estéticos mas não se encaixam no que é tido como sistema da moda.

Para compreender o sistema da moda é importante perceber que

a moda [...] desde sua instalação no Ocidente, não possui conteúdo próprio, é uma forma específica de mudança social, e não está ligada a um único objeto determinado, mas é, em primeira instância, um dispositivo social definido por temporalidades breves, por reviravoltas, mais ou menos, fantasiosas e que podem, com isso, afetar diversas esferas da vida coletiva (DIAS, 2022, p.24).

Na definição de Braga (2011), o conceito moda surge no final da Idade Média e início do Renascimento e tem relação com uma nova classe social, a burguesia. A burguesia copiava as vestimentas da nobreza, para distinguir-se dos burgueses eram criados novos modelos, gerando assim um ciclo de cópias seguidos de novas criações. Sendo assim, a moda surge também como um fator de diferenciação de classes e gêneros. A busca pela individualidade e sazonalidade também são refletidos neste surgimento.

Além disso, Lipovetsky (1987) fala que o presente se torna um novo eixo temporal e ocorre a modificação da veneração do passado para a valorização do presente, da individualidade, sedução e frivolidade. Este processo foi essencial para a instalação da moda com seus ciclos curtos e passageiros que não eram possíveis quando a sociedade era dominada por valores tradicionais.

Buscando uma melhor compreensão da moda deste período é necessário entender o comportamento da sociedade da época e quais suas principais influências, tanto estéticas quanto organizacionais e estruturais, o que é demonstrado no subtítulo abaixo.

2.1 MUDANÇAS COMPORTAMENTAIS NA BAIXA IDADE MÉDIA

O corpo durante a Idade Média passa por algumas transformações e contenções. Para Dias

[...] as mentalidades do medievo são apenas diferentes das construídas nos períodos posteriores. Os conceitos dominantes eram o de *courtoisie* (cortesia), de coletividade, de hospitalidade, o corpo era social e coletivo. Conceitos como privacidade e individualidade não tinham surgido, ainda, no início do medievo. Na cultura popular o corpo era extremamente diferente daquele que surgirá no ambiente aristocrático-capitalista. Era um corpo dos ofícios providos de liberdade, era o corpo que cospe, que vomita, que arrota, que exala hálito. Nota-se que a ideologia anticorporal propagada pelo cristianismo se esforçou em controlar as práticas populares, mesmo que com resistências (DIAS, 2022, p.68).

O medieval é marcado pela hospitalidade. Os poderosos tinham a obrigação de dar hospedagem aos pobres e viajantes e pessoas de passagem. As orientações comportamentais não eram complexas, eram direcionadas por sensações e não somente por normas sociais. Neste período os manuais comportamentais não possuíam um controle severo e sim orientações sobre sociabilidade, “[...] pode-se afirmar que durante a Idade

Média existia uma certa liberdade em relação aos hábitos de higiene, como arrotar, ou soltar gases, já na modernidade o controle corpóreo foi muito mais eficaz em comparação ao período precedente [...]” (DIAS, 2022, p.33). O corpo moderno é contido, voltado para a coerção. Este corpo passa a ter normas de controle de gestos, movimentos, expressões faciais e vestimentas (DIAS, 2022).

Durante a Alta Idade Média a influência da Igreja Católica passou a propagar o pensamento de valores diferentes ao corpo e alma, sendo o corpo inferior a outra. A alma era tida como eterna e criada por Deus. Para Ranhel (2018, p. 14) “[...] o cristianismo transformou o corpo em vilão, alterando o pecado original. De um pecado da alma (orgulho e desobediência), o pecado original passou a ser um pecado do corpo (sexual, da concupiscência da carne)”.

Neste contexto Ranhel apresenta que

[...] o corpo na Idade Média se tornou uma fonte de representações entre o homem e o além. Assim como cosmos criado haveria a diferenciação entre as coisas elevadas (espirituais) e as baixas (mundanas e pecaminosas), o mesmo acontecia no corpo humano, que era microcosmos da criação, sendo a alma elevada e o corpo rebaixado. A organização social se refletiu e exemplificou nessas representações corporais. O corpo passou a ser símbolo do pecado e a Igreja se instituiu como símbolo do corpo santo de Cristo na Terra (RANHEL, 2018, p. 30).

A Igreja, no início da Idade Média tem um controle maior sobre o corpo. É nesta fase que “gradualmente a igreja começou a dominar o corpo, por meio de calendários em que se instituíram jejuns, restrições alimentares e também sexuais, momentos de oração e reclusão” (DIAS, 2022, p. 19).

Segundo Ranhel (2018) o clero criou um sistema em que a alma era ligada a eles e o corpo aos laicos. Seguindo esta lógica, o clero possuía uma superioridade espiritual e dominância, sendo que os demais indivíduos deveriam seguir suas orientações para encontrar a salvação. A concepção de que o corpo deveria ser guiado pela alma valia-se desta dinâmica para sustentar as instruções clericais como modelo para as regras corpóreas, sociais e das vestimentas.

Quando a alma passou a ser superior ao corpo, os fiéis deveriam cultivar o corpo para alcançar a grandeza da alma e não ceder a desejos tidos como carnais. Para Ranhel

[...] a Idade Média se valeu do corpo como fonte de símbolos e representações, onde se realizavam ligações entre o terreno e o sagrado. A Igreja, como um poder instituído, se esforçou para que antigas concepções sobre o corpo, providas da cultura pagã, se espiritualizassem e ficassem cada vez mais dependentes da cultura clerical (RANHEL, 2018, p. 28).

Tratando-se de simbologia envolvendo o medievo, uma obra de arte que ajuda a

entender este contexto é O Jardim das Delícias Terrenas, do pintor Hieronymus Bosch, que pode ser visualizada na figura 1. Esta obra é composta por três painéis, que demonstram cenas sequenciais e transmitem o pensamento do medieval acerca do corpo e do pecado. Tal representação é um tríptico e descreve a história do mundo a partir da criação.

Figura 1- O Jardim das Delícias Terrenas



Fonte: Bosch, 1515. Acesso em: <https://www.wikiart.org/pt/hieronymus-bosch/o-jardim-das-delicias-terrenas-1515>

O painel esquerdo representa harmonia, em que o pecado está presente, mas não pode ser visualizado com clareza. As figuras de Adão e Eva estão presentes, junto a de Deus e dos animais. Nesta parte da obra, Eva simboliza a tentação (o período medieval atribuía a culpa ao pecado e a queda do paraíso às mulheres). Outro elemento importante é a Fonte da Vida que aparece ao centro desta passagem e em material rosado, representando assim o que é tido como pecado e que está presente até mesmo no paraíso.

No painel ao centro desta obra é possível visualizar o erotismo, o pecado da carne e a entrega dos seres humanos à luxúria e imoralidade. Homens e mulheres aparecem juntos, despidos, tocando-se e alimentando-se de grandes frutos na parte inferior do painel. Já ao centro do painel é possível visualizar a separação de homens e mulheres, as mulheres aparecem em uma fonte rodeada pelos homens montados em animais, retratando assim os jogos em busca da atração sexual.

No painel direito demonstra o pesadelo. Nele aparecem os condenados, a culpa e o pecado. Nota-se que a música está presente nesta passagem pois era tida como luxúria

pela religião cristã. Um importante elemento para esta percepção é a da utilização dos instrumentos musicais como instrumentos de tortura bem como a mudança das cores utilizadas passando de claras e iluminadas para escuras e sombrias.

Esta obra ajuda a compreender as relações que as pessoas tinham com o corpo atribuído à imoralidade, principalmente no início do período medieval. Apesar desta obra pertencer ao final da Idade Média, a retratação das cenas fornece material para a compreensão do período anterior.

Segundo Lopes (2017), na Alta Idade Média a maior concentração de pessoas era nos feudos, sendo o progresso das cidades reduzido e a economia mais ligada às atividades rurais. Neste período as pessoas encontravam-se divididas entre as classes sociais tradicionais, sendo o clero, nobreza, senhores feudais e servos. A partir da Baixa Idade Média uma nova classe social originou-se, a burguesia. Esta classe é ligada a economia e com o seu surgimento o Clero, bem como os modelos tradicionais passam por adaptações. Outro fator importante que surge a partir deste momento é que o comércio de bens e de tempo de trabalho passam a ser difundidos.

A partir do século XIII é possível perceber uma mudança nas posturas em relação ao corpo. É neste período que a dominação do clero começa a enfraquecer. A castidade clériga é satirizada, a virgindade passa a ser questionada, sendo que no século posterior ocorreu a naturalização dos valores sexuais. É neste momento que a alma deixa de ser superior, sendo que o corpo começa a ser valorizado, mesmo que ainda esteja dentro dos valores cristãos (RANHEL, 2018).

Para Dias (2022), foi entre os séculos XII e XIII que algumas práticas pagãs voltaram a aparecer, bem como argumentos contra as condutas de contenção corporal que eram cometidas. Após estas rupturas do que era tido como tradicional pode-se observar a volta dos banquetes, do burlesco e das danças obscenas.

As manifestações culturais ligadas às festividades começaram a ganhar espaço. Sendo algumas delas as festas dos solstícios, casamentos, festas dos tolos, ano novo, páscoa e outras. Os indivíduos se encontravam para lembrar estes eventos ou para organizar os próximos (DIAS, 2022).

Além disso, as festas, como o Carnaval ocorriam sem que houvesse uma preocupação pautada em níveis sociais, “o espetáculo carnavalesco derruba as barreiras hierárquicas, sociais, ideológicas, de idade e de sexo. Assim, pode-se afirmar que, durante o carnaval abolia-se, principalmente, a hierarquia” (DIAS, 2022, p.15).

No século XIV a Europa passou por um período de crise em que sua população foi drasticamente reduzida. Dentre os fatores que levaram esta redução temos, a Guerra dos Cem Anos, a crise da fome e a Peste Negra. Foi neste período em que ocorreu um declínio

econômico e artístico (DIAS, 2022).

Mudanças aconteceram nos contextos sociais e artísticos após esta crise e percebe-se uma cultura mais laica e criativa, sem tanta interferência clerical. A criatividade nas formas de vestuário junto à notáveis obras de arte contribuíram para a recuperação do continente. O Estilo Gótico, que já tinha se iniciado há dois séculos, atingiu o seu ápice. Também ocorreu uma mudança na forma com que o ser humano era retratado artisticamente. As pinturas não mais se limitavam em retratar o corpo de forma rígida e com foco na temática religiosa, as formas do corpo e expressões são importantes neste novo movimento estético, bem como a imaginação laica (LOPES, 2017).

Para Dias (2022), no final da Idade Média ocidental é possível perceber que o afrouxamento das normas cristãs abre espaço para a existência da individualização e que acontece a aceitação das mudanças estéticas. A maior sensibilidade estética possibilitou gostos autônomos, assim o sujeito não está mais preso às normas tradicionais e passadas e desenvolve um senso crítico e pessoal a respeito das vestimentas.

2.2 MODA

Vale salientar que a moda não pertence a todas as épocas nem a todas as civilizações, pois é uma construção essencialmente sócio histórica, circunscrita a um tipo de sociedade, ou seja, ela é cultural, histórica, localizável no tempo e no espaço. O conceito moda era totalmente desconhecido por povos primitivos, ainda que suas indumentárias servem, atualmente, como fonte histórica e como referência estética (CIDREIRA, 2005).

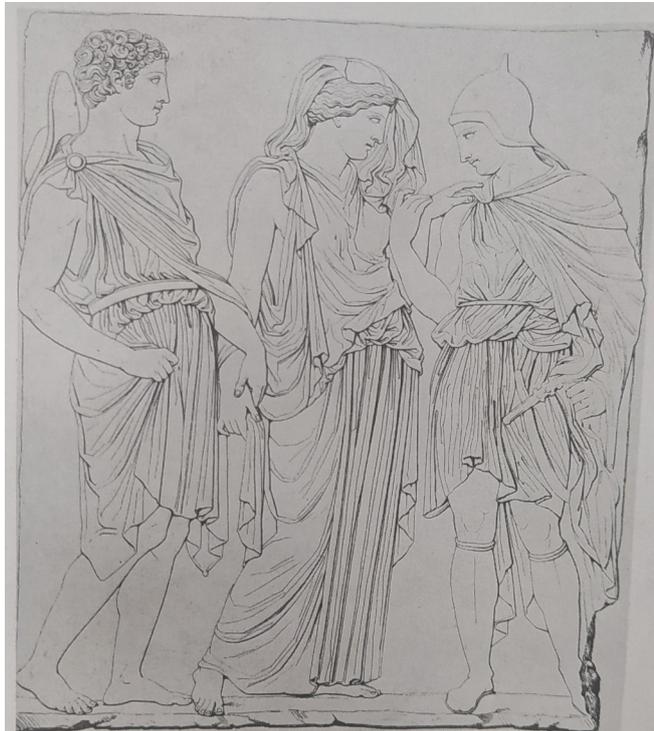
Os trajes da Grécia não traziam grandes distinções entre as vestimentas do gênero feminino e masculino além de não possuírem uma forma específica, corte e costura, elas eram compostas por retângulos de tecidos em diferentes tamanhos e presos ao corpo, dando forma aos drapeados (LAYER, 1989).

As vestimentas representavam uma maior preocupação dos gregos com os valores estéticos das suas roupas do que com o erotismo. Uma das vestes mais comuns é o *quítion*, ele é formado por um único retângulo de tecido, que era basicamente uma túnica presa sobre os ombros e abaixo dos braços, tendo uma das laterais aberta e a outra fechada. Esta peça era utilizada por homens e mulheres, sendo curta para o dia a dia, para o gênero masculino e longa para momentos cerimoniais. Já o feminino era sempre longo (BRAGA, 2011).

Os gregos, nas definições de Braga (2011), possuíam alguns trajes complementares, sendo no vestuário masculino a *clâmide*, que era como uma capa militar feita de lã grossa e mais curta e o *himation*, traje civil utilizado em dias frios. No vestuário feminino o manto chamado *peplo*, era bem mais longo, chegando aos pés. As vestimentas deste período para

ambos os gêneros são apresentadas na figura 2.

Figura 2- Desenho de baixo relevo do século V a.C.



Fonte: Laver, 1989, p. 28.

Pode-se observar na figura 2 a representação de uma mulher grega e dois homens. Nota-se que todos utilizam uma túnica, conhecida como *quítion*. Os homens estão vestidos também com a *clâmide*, sugerindo assim que os dois são soldados, sendo que o da direita utiliza um capacete e uma espécie de espada curta presa ao cinto como acessórios complementares. Importante ressaltar que o da mulher é longo, mas os masculinos são curtos, o que sugere que esta representação retrata uma cena não cerimoniosa. Eles estão descalços, pois na Grécia antiga não era demérito não utilizar calçados. Outro fator interessante é o contato físico representado no desenho, sugerindo proximidade entre os três. Os traços nas vestimentas possibilitam a visualização dos drapeados comuns da época e o entendimento de que o tecido, provavelmente o linho, utilizado nas túnicas era volumoso.

Já o vestuário da Alta Idade Média também mantinha semelhanças entre trajes femininos e masculinos. A indumentária masculina no período carolíngio e merovíngio era composto por túnicas até o joelho, podendo ter mangas curtas ou compridas. As diferenças entre os trajes militares e civis eram pequenas, os elementos utilizados para diferenciação eram as cotas de malha com medalhões e os cintos para carregar as armas. O vestuário

feminino recebia influência romana, tendo como principal artigo a *stola*, que era um tipo de vestido com pregas preso por um cinto. Este vestido não cobria os braços e era preso nos ombros pelas *fibulas*. A barra da *stola* também podia ser suspensa por uma corrente ou outra *fibula* na altura do peito (LOPES, 2017).

As vestimentas masculinas deste período são ilustradas na figura 3, que trata-se de um mosaico do imperador Justiniano no ano de 547 d.C. A figura 4 retrata a imperatriz Teodora e seu séquito e nela podem ser observadas as cores, vestimentas e ornamentos utilizados pela corte do período.

Figura 3- Imperador Justiniano e sua corte



Fonte: Enciclopædia Britannica, 2022. Acesso em: <https://www.britannica.com/biography/Justinian-I>

Figura 4- Imperatriz Teodora e seu séquito



Fonte: Enciclopædia Britannica, 2022. Acesso em: <https://www.britannica.com/biography/Justinian-I>

Na figura 3 e 4 pode-se notar a semelhança entre as cores e expressões corpóreas, além da importância das tapeçarias nas decorações medievais. As duas representações possuem cores em tons vibrantes. Aqui fica claro que a figura humana é reproduzida de forma estática pelos movimentos artísticos do início da Idade Média. Um importante fator é a separação da corte em duas pinturas, apresentando na primeira delas somente homens e na segunda mulheres, retratando assim que os dois gêneros possuíam lugares e papéis distintos dentro do meio social.

No primeiro mosaico é possível notar que o imperador está acompanhado por integrantes do clero, nobres e militares. Esta representação possibilita o entendimento do papel de destaque do clero na sociedade durante a Idade Média. Neste período a utilização de calçados é amplamente difundida, bem como a de meias.

O clero possuía voz ativa em todas as camadas sociais e conseqüentemente alto controle corpóreo. A ligação do corpo com a profanidade faz com que ele tenha que ser coberto, afastado dos olhares. Na figura 4 a imperatriz e todas as suas acompanhantes estão com o corpo coberto, sendo que a pele só aparece nas mãos e cabeças. Aqui fica mais clara a distância entre os valores morais que eram propagados entre a Antiguidade Grega e o período da Alta Idade Média. Observando os trajes é notável que os bordados e pedras preciosas fazem parte da indumentária.

Pode-se afirmar que as vestimentas vistas nas figuras 2, 3 e 4 não podem ser consideradas moda. Pois, o início da moda é datado a partir do desenvolvimento da modernidade ocidental, dessa maneira, é impossível localizar a moda antes do final da Idade Média. Lipovetsky (1987) comenta sobre a ligação histórica da moda com a reivindicação da singularidade pessoal e que o individualismo do gosto desenvolveu-se juntamente com o individualismo econômico e religioso. Sendo que:

No final da Idade Média, a individualização da aparência conquistou seu direito de cidadania; não ser como os outros, ser único, fazer-se notar exibindo os signos da diferença tornou-se uma paixão e uma aspiração legítimas no mundo das cortes. Compreende-se, nessas condições, o movimento precipitado da moda: a consciência e a vontade de individualizar-se desenvolvem a concorrência, a emulação entre os particulares, a corrida pela diferença; autorizam e encorajam a expressão dos gostos singulares (LIPOVETSKY, 1987, p. 53).

Para Lipovetsky (1987) o amor cortês tem relação com a ampliação das frivolidades e da sedução na moda, com ele é possível perceber o gosto pela exibição, os prazeres dos jogos, do lirismo, das festas e a aspiração às alegrias terrenas. Ele é o responsável por cultivar o sentimento de ir ao encontro do amor, amor este de escolha da dama, que valoriza a liberdade de escolha individual para o encontro de seu amante. Para que o cavalheiro

consiga conquistar este sentimento ele precisa sofisticar sua aparência, apresentar boas maneiras, lirismo e coragem. O jogo para que se obtenha a conquista é repleto de sedução, a moda busca atrair os olhares, mostrar distinção e trazer prazer para ambos os gêneros.

O sistema de moda faz com que o desejo pela novidade cresça. Os trajes femininos e masculinos podem ter várias distinções, abrindo espaço para a ornamentação e sedução, onde as vestimentas ajustam partes específicas do corpo e ampliam outras e os decotes ficam mais generosos (LOPES, 2017).

As maiores modificações nas estruturas do vestuário feminino e masculino para Lipovetsky (1987), passam a ser percebidas a partir de 1350 e isso tem relação com a estética de sedução, sendo que a aparência sexualiza mais do que em qualquer outro momento. O vestuário masculino emoldura a cintura por meio da utilização do gibão curto e valoriza as pernas, que são apertadas pelos calções longos, já no vestuário feminino o corpo é moldado e ocorre a valorização das ancas, bem como o deixar mostrar por meio dos decotes o colo e os ombros. Sendo que o

[...] vestuário empenha-se, assim, em exibir os encantos do corpo acentuando a diferença dos sexos: o *gibão* estofado dá relevo ao tórax masculino, as braguilhas terão por vezes formas fálicas; um pouco mais tarde, o espartilho, com sua armação, permitirá durante quatro séculos afinar a cintura feminina e erguer o colo. O traje de moda tornou-se traje de sedução, desenhando os atrativos do corpo, revelando e escondendo os atrativos do sexo, avivando os encantos eróticos: não mais apenas símbolo hierárquico e signo de estatuto social, mas instrumento de sedução, poder de mistério e de segredo, meio de agradar e de ser notado no luxo, na fantasia, na graça amaneirada (LIPOVETSKY, 1987, p.58).

A tendência de diferenciação dos gêneros passa a ser evidente a partir do século XIV. A indumentária masculina recebeu mais alterações do que a feminina, mas para ambos a extravagância deu-se pelo aumento do volume das peças e chapéus, estas modificações são retratadas na figura 5. No que tange ao vestuário feminino, vale salientar que

Sistematicamente, as mulheres prevaleceriam com uma silhueta mais ajustada. No âmbito da modéstia, a estrutura de modelagem e costura para o busto resultou na atenção ao decote, que aos poucos foi se aprofundando e se tornando um símbolo feminino, ainda mais enfatizado graças ao contraponto dos sufocantes espartilhos. Desde então, a exposição da pele viria a ser um assunto delas (CEZAR, 2019, p.38).

Neste período a diferenciação das vestimentas dos nobres e dos populares ainda era marcante, mas principalmente pela utilização de tecidos distintos e praticidade das peças. As camponesas e burguesas não utilizavam vestidos com longas caudas e eles costumavam ser produzidos com lã. A nobreza fazia a utilização de tecidos de luxo como a seda, peles e veludos. Algumas peças mantiveram-se comuns para os dois gêneros, é o

caso dos meiões, capas e capuzes, sendo os meiões aparentes somente na indumentária masculina e as capas e capuzes utilizados para proteção do frio (LOPES, 2017).

Figura 5- Gravura de Israel van Meckenem em 1470



Fonte: Alamy, 2022. Acesso em: <https://www.alamy.com/stock-photo/israel-van-meckenem.html?sortBy=relevant>

Na figura 5 pode-se notar que a distinção entre os dois gêneros é clara. A vestimenta masculina dá ênfase às formas fálicas, por meio da utilização da braguilha, também conhecido como codpiece em inglês, braguette em francês ou porta pênis em português (BRAGA, 2011). O *gibão* também apresenta um volume maior dando destaque ao tórax. O chapéu ganha destaque por meio do volume e ornamentos. Outro fator importante de análise são os bicos do calçado, que começam a ganhar amplitude neste período e são utilizados como forma de mostrar poder aquisitivo/social. Na vestimenta feminina pode ser observado um aumento do decote, deixando o colo e parte dos ombros mais amostra, bem como o ajustamento da silhueta em alguns locais. O busto aparece de forma mais clara

neste período e ocorre uma valorização na região das ancas por meio do volume atribuído à peça. A cauda longa do vestido e o bico do sapato também revelam que a mulher representada na gravura é integrante da nobreza.

Nesta imagem fica claro o desejo de mostrar-se belo e utilizar da sedução que a moda passa a permitir, demonstrando assim uma mudança de valores estéticos e sociais, sendo que revelar as formas do corpo não é mais repugnante e moralmente condenável. Também fica evidente o esforço de ambos os gêneros para conquistar e impressionar por meio do vestuário e suas extravagâncias. A moda passa a ser “[...] uma prática dos prazeres, é prazer de agradar, de surpreender, de ofuscar. Prazer ocasionado pelo estímulo da mudança, a metamorfose das formas, de si e dos outros. A moda não é apenas marca de distinção social, é também atrativo, prazer dos olhos e da diferença” (LIPOVETSKY, 1987, p. 55).

As principais mudanças que ocorreram no vestuário durante a Idade Média podem ser percebidas na comparação das imagens 3 e 4 (Alta Idade Média) e na 5 (Baixa Idade Média). O vestuário com grandes semelhanças entre os dois gêneros por meio da utilização de túnicas passa por uma transformação, onde a identificação do masculino e do feminino na indumentária fica clara e somente algumas peças são utilizadas por ambos ao final deste período. É perceptível que as mudanças não ocorrem somente no vestuário e sim na sociedade e movimentos artísticos. A representação da figura humana deixa de ser tão estática, nota-se uma tendência de retratar cenas onde ocorrem interações físicas mais naturalizadas. As representações buscam transmitir os elementos da sedução e interações relacionadas à presença do amor cortês.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vestimentas sempre estiveram presentes na sociedade, a princípio a funcionalidade atrelada a proteção corporal era o principal motivo para a utilização das peças, com o passar do tempo a função vestimental sofre alterações, sendo em alguns momentos, como é o caso da antiguidade grega, vinculada com a estética. No início do medievo percebe-se que as roupas eram utilizadas como uma forma de cobrir o corpo, escondendo assim as vergonhas da carne. Já a partir da segunda metade deste período é notável que as elas além de desempenharem a função de proporcionar a distinção de classes contribuem para que ocorresse a distinção do feminino e masculino, para que pudesse atrair olhares e contribuir para que os interesses individuais fossem alcançados.

O período medieval foi um importante momento de revoluções estéticas e morais. A mudança de pensamento e práticas sociais possibilitou o surgimento de novas formas de se relacionar com as vestimentas e utilizar dos seus artifícios. A ampliação das frivolidades e o

gosto pelas novidades proporcionaram um desenvolvimento na arte do vestir, bem como na forma de mostrar-se ao outro.

As diferenças de cobertura corporal pelas vestimentas que ocorreram durante todo o período medieval sofreram influências da moral cristã e da ideia de pecado atribuída ao corpo. Para Cezar (2019) o corpo despido nem sempre foi sinônimo de vergonha, e é quando ocorre a prática de esconder o corpo que passa a existir um desejo mais fervoroso pela sexualidade, o que pode explicar a tendência de mostrar a pele por meio dos decotes que passa a existir ao final do medievo.

A prática de diferenciação clara entre os gêneros que pode ser acompanhada a partir da Baixa Idade Média não limitou-se a este período, sendo ainda encontrada na sociedade. O gênero é uma construção que sofre influências sociais e utiliza-se de alguns instrumentos para que ocorram diferenciações, sendo as vestimentas uma das possibilidades.

REFERÊNCIAS

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: do ano 1000 à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.

BRAGA, João. **História da moda: uma narrativa**. 9. ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2011.

CEZAR, Marina Seibert. **Moda e gênero: corpo político, cultura material e convenções na construção da aparência**. Novo Hamburgo: Feevale, 2019.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os sentidos da moda: vestuário, comunicação e cultura**. São Paulo: Annablume, 2005.

DIAS, Camila Carmona. **Conexões e rupturas entre medievais e modernos: uma comparação entre modelagens do vestuário**. Monografia (Especialização em Modelagem do Vestuário) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais. Passos, p.75. 2022.

LAYER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Schwarcz LTDA, 1987.

LOPES, Fabiana Fontes. **Indumentária europeia do final da Idade Média: aspectos estéticos, produtivos, funcionais e materiais**. 2017. 275 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

RANHEL, André Silva. **História do corpo na Idade Média: representações, símbolos e cultura popular**. Veredas da História, v. 11, n. 1, p. 10-31, jul., 2018.